

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

C837g

Costa, Luciana Alves da

Gênero textual e o ensino de língua portuguesa: uma proposta didática a partir do artigo de opinião / Luciana Alves da Costa. – Guarabira: UEPB, 2011.
17f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Luana Francisleyde Pessoa de Farias.”

1. Gêneros Textuais 2. Língua Portuguesa
3. Artigo de Opinião I.Título.

22.ed. CDD 401.41

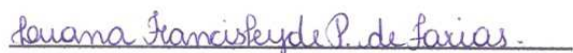
LUCIANA ALVES DA COSTA

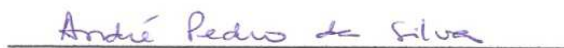
**GÊNERO TEXTUAL E O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA: UMA PROPOSTA A PARTIR DO ARTIGO DE
OPINIÃO**

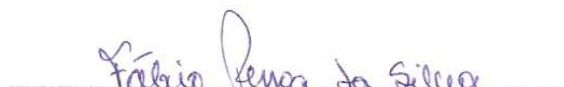
Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba -
Campus III, em cumprimento aos requisitos para obtenção
do grau de Licenciando em Letras.

Aprovada em 06 de dezembro de 2011.

COMISSÃO EXAMINADORA


Prof.ª Ms. Luana Francisleyde Pessoa de Farias
(Orientadora - Presidente)


Prof. Dr. André Pedro da Silva
(Examinador 1)


Prof. Ms. Fábio Pessoa da Silva
(Examinador 2)

Guarabira – PB
2011



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

LUCIANA ALVES DA COSTA

**GÊNERO TEXTUAL E O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA A PARTIR DO
ARTIGO DE OPINIÃO**

Guarabira - PB
2011

LUCIANA ALVES DA COSTA

**GÊNERO TEXTUAL E O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA A PARTIR DO
ARTIGO DE OPINIÃO**

Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba –
Campus III, em cumprimento aos requisitos para obtenção
do grau de Licenciando em Letras,

Orientadora: Prof.^a Ms. Luana Francisleyde Pessoa de
Farias

Guarabira- PB
2011

GÊNERO TEXTUAL E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA A PARTIR DO ARTIGO DE OPINIÃO

Luciana Alves da Costa¹

Prof.^a Ms. Luana Francisleyde Pessoa de Farias (UEPB – Orientadora)

RESUMO

Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), na década de 90, os gêneros textuais se tornaram tema de debates no âmbito educacional e, a partir de então, começaram a ser considerados como ferramentas do Ensino da Língua Portuguesa. Diante desse contexto, os professores passaram a indagar sobre a natureza e aplicação desse novo conceito e, para atender algumas dessas indagações, neste artigo, apresentamos uma discussão sobre os gêneros textuais, com base nos estudos realizados por Bakhtin (1997), Marcuschi (2007, 2008), Bazerman (2005), entre outros. Enfatizando a sua relação com as atividades humanas, distinguindo gêneros e tipos textuais, analisamos também as considerações dos PCN em relação ao Ensino de Língua Portuguesa. Também apresentamos uma reflexão acerca do trabalho com gêneros jornalísticos, especificamente o artigo de opinião, o qual foi escolhido em razão da preocupação em relação às dificuldades enfrentadas pelos alunos no ensino Fundamental e Médio, em interpretar e produzir textos. Tendo em vista essa preocupação, procuramos investigar a importância da inserção na sala de aula, de gêneros textuais, propondo a utilização dos mesmos para melhorar o Ensino da Língua Portuguesa. Por fim, apresentamos, nesta pesquisa, propostas para que o trabalho com os gêneros textuais, entre eles, com o artigo de opinião, instigue e desenvolva, além da leitura e da escrita, a participação crítica do alunado.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Língua Portuguesa. Artigo de opinião. Objeto de ensino.

1 INTRODUÇÃO

O ensino tradicional de Língua Portuguesa vem sofrendo uma série de questionamentos relacionados à sua prática e, concomitante a isso, os profissionais da educação têm se preocupado em buscar um método ou uma prática que seja eficiente no processo ensino-aprendizagem.

Tendo em vista que os alunos, principalmente os de escolas públicas, não têm acesso ou não são despertados para o interesse pela leitura e conseqüentemente, pela escrita, os Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCN, apresentam uma forma de ajudar os professores na difícil tarefa que é formar cidadãos competentes e aptos para viver em uma sociedade multiletrada, preparando-os para o mundo do trabalho e para o convívio em

¹ Acadêmica do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III. Email: cianalac@hotmail.com

diferentes práticas sociais de linguagem, através da introdução dos gêneros textuais na sala de aula.

Devido à frequente dificuldade de interpretação e produção textual por parte dos alunos em nossas escolas, perguntamo-nos qual seria a/s proposta/s para melhorar o processo de ensino aprendizagem, com o desenvolvimento das capacidades de interpretação e produção de textos e como fazer isto se não pelo uso da linguagem sob a forma dos gêneros textuais?

Desde já, reconhecemos que o trabalho com gêneros textuais vem de forma inovadora ressignificar o ensino de Língua Portuguesa. É necessário pensarmos em uma forma de sanar essa dificuldade, porém, este não é um problema apenas no ensino de Língua Portuguesa, mas de um todo, já que sem a capacidade de interpretar um texto o aluno terá dificuldades de entender um texto de geografia, de resolver um problema em matemático ou de compreender o mundo a sua volta.

Tendo em vista este problema, é que propomos o ensino de Língua Portuguesa com o uso dos gêneros textuais, em especial o artigo de opinião, já que este é um gênero de cunho argumentativo, o qual poderá instigar o alunado a pensar, a produzir sua opinião com o uso do senso crítico.

É também, nessa perspectiva, que os PCN apresentam os gêneros textuais como uma forma de viabilizar o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, desenvolvendo nos alunos as habilidades do uso efetivo da linguagem, nas diversas situações em que forem confrontados.

Pesquisas recentes têm mostrado a importância da introdução dos gêneros em sala de aula, como eles podem ajudar o desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos, para que os mesmos estejam preparados para o uso da linguagem com efetivo sucesso, que saibam se adaptar aos diversos eventos sócio-comunicativos.

Nesse estudo, apresentamos uma conceituação dos gêneros, no qual procuraremos esclarecer a sua origem, o seu desenvolvimento, a sua relação com a atividade humana, a distinção entre gêneros e tipos textuais, a partir dos estudos realizados por importantes pesquisadores sobre o referido assunto, evidenciamos também o ensino da língua com a utilização dos gêneros textuais. Para tanto, realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico, baseando-nos em Bakhtin (1997), Marcuschi (2007, 2008), Bazerman (2005), entre outros, os quais discutem vários aspectos referentes aos gêneros textuais, como: gêneros discursivos, a distinção entre gêneros e tipos textuais, os atos da fala e a sua relação com a linguagem.

Neste artigo, apresentaremos e discutiremos, inicialmente, a conceituação dos gêneros, suas relações com as ações sociais, sua classificação e a heterogeneidade tipológica;

em um segundo momento, abordaremos o ensino de língua portuguesa a partir dos gêneros, dando ênfase ao gênero textual artigo de opinião, seguido de uma proposta de sequência didática para abordar esse modelo textual em sala de aula.

2 GÊNEROS TEXTUAIS: ALGUNS CONCEITOS

A história do surgimento dos gêneros não tem relação direta com a origem da escrita, o gênero está vinculado ao cotidiano e por ser uma ação social comunicativa está conectado às atividades sócio-culturais. Assim também, a classificação e a conceituação dos gêneros é algo que vem sendo estudado há muito tempo, desde a época de Platão e Aristóteles.

Platão distingue em lírico, épico e dramático, visto que são elas as três formas fundamentais ou mesmo “naturais” da literatura. Essa classificação perdura até hoje em alguns manuais de redação e literários, apesar de sabermos o quanto é diversificado os gêneros de textos hoje existentes (Cf. BRANDÃO, 2003).

Como vimos, a preocupação em estudar os gêneros é antiga, a questão do gênero foi discutida primeiramente pela retórica, pois a Linguística, além de ser uma ciência nova, se preocupou primeiro “com as unidades menores que o texto” (BRANDÃO, 2003, p. 35). Essa preocupação se dá de maneira coerente, pois, como sabemos, o ser humano necessita de comunicação e para a efetivação desta, é necessário o uso da linguagem, seja ela escrita, oral, gestual etc. Para o filósofo Bakhtin (1997, p. 279), o uso da linguagem está sempre interligado à atividade humana.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...].

Nessa relação da atividade humana com o uso da linguagem, podemos observar que, através principalmente da escrita, se multiplicou a diversidade de gêneros e, atualmente com as inovações tecnológicas, surge uma cultura digital com uma explosão de novos gêneros. Dessa forma, os novos hábitos humanos exigem da linguagem novos modos de comunicação.

Segundo Bakhtin (1997), a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados que podem ser concretos e únicos. Dessa forma, para cada esfera do uso da linguagem, é elaborado um tipo relativamente estável de enunciado, denominando-os, assim, de *gêneros do*

discurso.

Sendo assim, o processo de formação dos novos gêneros está interligado com o surgimento de novas esferas comunicativas da atividade humana, as quais proporcionam uma heterogeneidade infinita. Levando-se em consideração essa imensa variedade de gêneros, Bakhtin (1997) propõe uma classificação, dividindo em gêneros primários e secundários. Os gêneros secundários assumem um papel mais complexo, são eles: o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico etc. Enquanto os primários, que são mais simples, são originários de situações espontâneas e se tornam componentes dos gêneros secundários. Marcuschi (2008, p. 20) evidencia a interação dos gêneros com a atividade humana afirmando que

[...] são dinâmicos, fluindo um do outro e se realizando de maneira multimodal; circulam na sociedade das mais variadas maneiras e nos mais variados suportes. Exercem funções sócio-cognitivas e permitem lidar de maneira mais estável com as relações humanas em que entra a linguagem.

Como vimos, os gêneros estão diretamente ligados ao cotidiano social, “pois os gêneros são, em primeiro lugar, **fatos sociais** e não apenas fatos linguísticos como tal” (MARCUSCHI, 2008, p. 20, grifos do autor).

Os gêneros são formas textuais, encontradas em nosso cotidiano, que se diferenciam pelo fato de cada um possuir características distintas que podem ser definidas, segundo Marcuschi (2003, p. 3), por “sua composição, objetivos enunciativos e estilo concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas”. O texto é um evento comunicativo, no qual estão envolvidos diversos elementos, tais como: produtor, receptor e o objetivo, no qual a produção textual está imersa. São os aspectos linguísticos e sociais que vão dar forma a ideia central do texto.

Portanto, o gênero textual está inserido em um processo sócio-histórico que está sempre em movimento, sempre se renovando, dessa forma, acompanhando e se adaptando à cada situação social, às mudanças ocorridas no cotidiano da sociedade. Como consequência desse processo evolutivo, temos uma enorme quantidade de gêneros com suas características peculiares e, a cada dia, vão surgindo novos modelos comunicativos.

Tendo em vista esse crescimento, os grandes estudiosos da língua sempre se preocuparam em distinguir a diversidade de gêneros existentes. Apesar dessa atividade ter sido uma constante nas pesquisas, não é passível de concretização, devido ao número ilimitado e cada vez mais crescente de exemplares de gêneros emergentes em todas as esferas

sociais.

Os gêneros, portanto, não são modelos estáticos, estão sempre em movimento, uma vez que surgem e modificam-se refletindo a dinâmica das nossas relações sociais. Na questão da tentativa de tipificação dos gêneros textuais, pode ocorrer um erro ao colocar restrições ou moldes de como devem ser a estrutura dos gêneros, embora essa tipificação nos ajuda a entender “as escolhas, estilos, criatividade e variação.” (MARCUSCHI, 2008, p. 16)

A noção de gênero vem sendo bastante discutida e, por estar intimamente ligada às atividades humanas, as quais estão sempre em movimento, apresenta dificuldades quanto à sua classificação. Assim como a linguagem, que é o componente crucial para a existência dos gêneros textuais, é flexível, assim também são os gêneros. Ambos estão em constante transformação, renovando-se e adaptando-se à realidade. Por isso, os gêneros não podem ser vistos como algo acabado e pronto, mas sim como um processo constante de transformação. Assim, esclarece Marcuschi (2008, p. 17) sobre a plasticidade dos gêneros:

Devem ser vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura. Eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional.

Os gêneros tem se desenvolvido juntamente com a sociedade, fazendo com que surjam novos gêneros, mas não necessariamente novos, pois muitos se desenvolvem ou se transmutam a partir de outros. Tendo em vista isso, “os gêneros são desiguais em certas funções e é por isso que eles proliferam para dar conta da variedade de atividades desenvolvidas no dia-a-dia” (MARCUSCHI, 2008, p. 19). Eles desenvolvem-se de forma dinâmica, de acordo com as novas tecnologias ou necessidades, como veremos no ponto seguinte deste artigo.

2.1 Os gêneros são ações sociais

Em uma determinada situação em que muitos textos são produzidos, assim também muitos fatos sociais o são. Nesse processo de textos e atividades interligados, temos os gêneros textuais como estruturas tipificadas. Para Bazerman (2005), os fatos sociais estão interligados com a linguagem, a essa ligação ele chama *atos da fala*, e a realização desses atos se dá através das formas textuais, chamadas de Gêneros. Quando nos encontramos em determinadas situações, as quais percebemos que certo tipo de enunciado ou texto funciona

como forma de comunicação, assim também nos comunicaremos de maneira similar, permitindo que as pessoas compreendam aquilo que estamos falando.

Dessa forma, estamos padronizando a fala para determinada situação. Bazerman (2005, p. 29) reforça, afirmando que “as formas de comunicação reconhecíveis e auto-reforçadoras emergem como gêneros.” Essa padronização da comunicação para determinada situação pode acontecer na fala ou na escrita, a criação de formas tipificadas ou gênero para a realização da comunicação em determinadas situações interfere na nossa concepção de circunstância, de como devemos agir ou falar.

Portanto, “os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo, dizer o mundo, constituindo-o de algum modo” (MARCUSCHI, 2007, p. 22).

Outra distinção que também permeia a classificação dos gêneros, e que se deve ter certo cuidado é a distinção entre texto e discurso, terminologias que não podem ser confundidas, pois o texto, como define Marcuschi (2007, p. 24), “é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual”, enquanto o discurso, para o mesmo autor, é “aquilo que um texto produz ao manifestar em alguma instância discursiva.”

De certo, podemos concluir a importância dos gêneros para a nossa comunicação, como já afirmado acima, assim como a da nossa comunicação para a existência dos gêneros, ambos estão interligados em sua origem, sua existência e seu desenvolvimento.

É com a tipificação que lidamos no nosso cotidiano, com todas as circunstâncias que temos que lidar e para cada uma delas temos que identificar qual a maneira de nos expressar melhor na dada circunstância ou qual o gênero devemos utilizar para sermos compreendido com aptidão. Neste sentido, Bazerman (2005, p. 29) faz a seguinte afirmação:

A tipificação dá uma certa forma e significado às circunstâncias e direciona os tipos de ação que aconteceram.
Este processo de mover-se em direção a formas de enunciados padronizados, que reconhecidamente realizam certas ações em determinadas circunstâncias, e de uma compreensão padronizada de determinadas situações, é chamado de tipificação.

O fato de padronizarmos um tipo de enunciado para determinada situação, não quer dizer que esse padrão não possa ser modificado, pois assim como os nossos hábitos estão mudando com a chegada das novas tecnologias, os gêneros também têm aumentado a sua diversidade, pois, a cada dia, passamos a utilizá-las na comunicação diária.

Algumas das principais tecnologias na área de comunicação, utilizadas atualmente pela sociedade, como a televisão, o rádio, as revistas e a internet, dentre outras, são suportes

de gêneros e locais para a origem de novos gêneros. Marcuschi (2007, p. 20) afirma que “a tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas”.

Dessa forma, um gênero não é necessariamente novo, ele passa por um processo de desenvolvimento ou aprimoramento, como o que podemos constatar no que aconteceu com as cartas, que apesar de ainda serem utilizadas como meio de comunicação, temos o email que a substituiu, possuindo algumas de suas características, mas não necessariamente todas.

Na seguinte afirmação de Bazerman (2005, p. 31), “gêneros são tão somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros”, podemos observar então que os gêneros dependem integralmente de nós, pois eles são aquilo que acreditamos que eles sejam, são o que reconhecemos quando usados por nós. Eles surgem com os processos sociais, com as atividades sociais.

Percebemos então a interdependência da linguagem com as atividades sociais; porque sabemos que é a partir da linguagem, seja ela escrita ou oral, que surgem os gêneros, do mesmo modo que sabemos da importância da linguagem para a existência da sociedade, pois é através dela que os fatos sociais acontecem ou até mesmo que a sociedade é organizada. (MOTTA-ROTH, 2006)

2.2 Gêneros e tipos textuais

Comunicamo-nos de várias formas, mas as principais formas de comunicação utilizadas por nós, seres humanos, é a linguagem oral e escrita. Essas manifestações verbais realizadas através da língua acontecem em formas de textos, porém, assim como a sociedade muda seus hábitos instantaneamente, também acontece com a maneira de utilizar a linguagem. Uma forma de categorizar os diversos tipos textuais evitando o reducionismo é através da classificação por gêneros.

Ainda em relação à classificação dos tipos textuais, partimos do pressuposto da preocupação com o funcionamento dos textos, surgindo, então, a necessidade de classificar tipologicamente os textos, com o intuito de organizá-los. Filliolet (1975 **apud** Brandão, 2003, p.20) explica alguns critérios para fazer esta distinção tipológica:

[...] uma tipologia dos discursos teria como pressuposto ideal um feixe de critérios linguísticos que deveriam ser ao mesmo tempo bastante gerais. Bastante particulares para que as realizações, sempre diferentes, sejam previsíveis em suas características pertinentes desde que as condições de produção de um discurso dado sejam suficientemente reconhecidas. Bastante gerais para fornecer uma lista das principais constantes de cada tipo isolado,

cujas realizações em discurso não apresentam senão um caso particular de seleção.

A classificação tipológica é uma forma de designar as modalidades linguístico-discursivas ou textuais. A partir da definição tipológica, na qual um determinado texto apresenta características predominantes de um texto narrativo, descritivo, dentre outros.

Começaria a distinção entre gêneros e tipos textuais, partindo então para a definição da composição da estrutura de determinado gênero.

São muitas as pesquisas em que se procura classificar tipologicamente os textos, e Adam (1992 **apud** Brandão, 2003, p.22) justifica o porquê dessa preocupação tipológica:

A categorização e as categorias são elementos fundamentais, na maior parte do tempo inconscientes, de nossa organização da experiência. Sem a existência de categorias textuais, nossa apreensão dos enunciados produzidos seria provavelmente prejudicada: seríamos submersos pela diversidade absoluta, por uma impressão caótica que as regularidades sintáticas certamente não compensariam.

Devido à grande importância e necessidade da classificação tipológica, tendo em vista a complexidade e heterogeneidade de fazer essa distinção, Marcuschi (2007, p. 22) também faz uma relação de aspectos que podem nos ajudar na distinção entre gêneros e tipos textuais:

Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição/ [...]
Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

Na designação quanto ao tipo textual, temos que observar as suas “características básicas, os seus traços linguísticos predominantes” (MARCUSCHI, 2007, p. 27), que podem ser a narração, descrição ou argumentação.

Dessa forma, tomemos como exemplo a carta pessoal² analisado por Marscuschi (2007, p. 25-27) e considerada heterogeneamente tipológica, pois nela há mais de um traço linguístico, como, a narração, exposição e argumentação, entre outros. Por outro lado, enquanto gênero textual, a carta pessoal é designada por suas “atividades sócio-discursivas”,

²A carta pessoal é citada por Marcuschi (2007), no seu artigo “gêneros textuais: definição e funcionalidade”, para exemplificar a distinção entre gênero e tipo textual.

assim os gêneros textuais são “uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI, 2007, p. 29).

Uma explicação bastante nítida, que permite um melhor entendimento, é esta encontrada nos PCN (1998, p. 22): “a noção de gênero refere-se, assim, a famílias de textos que compartilham características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula”.

Assim, como podemos ter nos gêneros a heterogeneidade tipológica, também encontraremos um fenômeno que implica em sua classificação, a intertextualidade intergêneros, ou seja, a hibridação ou a junção de dois gêneros na estrutura de um texto, apresentada por Marcuschi (2007) através do exemplo de um artigo de opinião no formato de um poema.

Outra questão interessante, também proposta por Marcuschi (2003), é a distinção entre suporte e gênero. Em seu ensaio “A questão do suporte dos gêneros textuais”, o autor distingue o gênero do seu suporte evidenciando também algumas categorias de análise como: texto, discurso, tipo, evento discursivo, serviço, canal entre outros. Diferenciando, principalmente, o canal e o serviço, nos quais os gêneros circulam. Quanto ao suporte dos gêneros textuais, Marcuschi (2003, p. 2) faz a seguinte afirmação:

Ele é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e deve ter alguma influência na natureza do gênero suportado. Mas isto não significa que o suporte determine o gênero e sim que o gênero exige um suporte especial.

Em ambos os casos, o que deve ser essencialmente observada é a função sócio-comunicativa do texto que, no primeiro caso, era de um artigo de opinião e, no segundo, em relação ao suporte, que é apenas um apoio físico, estático que serve como base do gênero materializado em texto (MARCUSCHI, 2003, p. 8).

Apresentada essas distinções, partimos agora para um dos objetivos principais deste trabalho, discutir a relevância dos gêneros textuais para o ensino da língua portuguesa em sala de aula.

3 OS GÊNEROS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Durante muito tempo, nas aulas de Língua Portuguesa, a regra era aprender gramática. Até que, no final da década de 90, foram publicados os *Parâmetros Curriculares Nacionais*

(BRASIL, 1997, 1998, 1999)³. Isso provocou uma grande mudança de paradigma na maneira de ensinar a língua portuguesa, pois, até então, as aulas de português eram embasadas apenas no ensino da gramática normativa, que era trabalhada de forma descontextualizada. Os PCN foram elaborados com a finalidade de “de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras” (PCN, 1998, p. 5).

A partir da sua publicação, os PCN tornaram-se referencial para a educação no ensino de todo o país. No documento, na área de Língua Portuguesa, é deixado de lado o ensino focado apenas na gramática, para valorizar o texto, utilizando-o como objeto do ensino. Dessa forma, com a valorização do texto e do gênero textual, o ensino contextualizado tornou-se a base para o ensino em Linguagens.

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. (PCN, 1998, p. 23).

Os PCN (1998) têm como objetivo preparar o aluno para lidar com diversas situações, tornar o sujeito capaz de utilizar a linguagem de forma variada, seja ela oral ou escrita, mas também favorecer à reflexão crítica. Para isso, é necessário colocarmos os alunos em contato com os diversos gêneros textuais encontrados na vida cotidiana.

Para Schneuwly e Dolz (2004, p. 79), “o que é visado é o domínio, o mais perfeito possível, do gênero correspondente à prática de linguagem para que, assim instrumentado, o aluno possa responder às exigências comunicativas com as quais ele é confrontado”. A escola pode criar situações, nas quais o aluno possa exercitar o uso da linguagem em suas diversas formas, preparando-o para lidar com as exigências das diferentes situações sociais.

Os gêneros jornalísticos são um bom exemplo disso, pois a imprensa, tem papel relevante na atual sociedade, ela está em nosso cotidiano nos diversos meios de comunicação, seja na televisão, no rádio, nos jornais, nas revistas ou na internet. Pois, com esse mundo globalizado, no qual as notícias chegam por todos os lados, de diversas formas, é necessário formarmos leitores críticos que estejam preparados para a recepção de tanta informação e também capazes de reproduzi-las sempre que necessário.

³ Cada ano representa a publicação direcionada para os níveis, respectivamente; primeira fase do ensino fundamental, segunda fase do ensino fundamental e ensino médio.

Dentre os gêneros jornalísticos estão: notícia, nota, reportagens, artigo, entrevista, crítica, crônica, carta de leitores, documentário, entre outros. Devido à sua relação com o meio social e atual, os gêneros jornalísticos que estão presentes no dia a dia das pessoas, através de uma entrevista na TV, de uma nota na revista ou de uma notícia divulgada na internet, entre outros, são ótimos como instrumento de ensino e podem ser usados em sala de aula. No entanto, diante dessa grande diversidade de gêneros, fica difícil a elaboração de um projeto pedagógico que contemplasse todos integralmente. Por isso, Rodrigues (2000, p. 214 afirma que:

[...] a entrada dos diferentes gêneros jornalísticos na escola como objetos de ensino/aprendizagem encontra seu respaldo na necessidade de compreensão e domínio dos modos de produção e significação dos discursos da esfera jornalística, criando condições para que os alunos construam os conhecimentos lingüísticos-discursivos requeridos para a compreensão e produção desses gêneros, caminho para o exercício da cidadania, que passa pelo posicionamento crítico diante dos discursos.

No entanto, são muitas as dificuldades encontradas pelo professor na sala de aula, muitos desafios a enfrentar, mas temos uma constante preocupação vivenciada cotidianamente pelos educadores e demais profissionais envolvidos no processo educacional, que é a dificuldade que os alunos têm em produzir e interpretar textos. O aluno geralmente ler, mas não consegue compreender, interpretar o texto lido e, para tentar sanar esta deficiência, os PCN sugerem o uso dos gêneros textuais através de projetos pedagógicos.

Portanto, a escolha do gênero jornalístico, neste caso, o artigo de opinião, tem como objetivo permitir ao aluno o contato com o texto, propiciando uma análise profunda do gênero através da interpretação e produção do texto, incentivando dessa forma a sua percepção crítica.

4 O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO

A escolha do gênero artigo de opinião, para este trabalho, deve-se ao fato de que, a presença do trabalho com gênero nas aulas de Língua Portuguesa, além de tornar o aluno capaz de produzir textos, ainda desenvolve a criticidade, oferecendo possibilidades para que o educando seja um ser capaz de formar a sua própria opinião.

4.1 Estrutura do gênero artigo de opinião

O artigo de opinião faz parte do jornalismo opinativo, dentre os quais estão: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta, entre outros. O artigo de opinião, normalmente é produzido para ser editado na forma escrita, seja em jornais, revistas ou na internet, mas também pode ser lido em jornais televisivos ou radiofônicos, de um modo geral seu uso é mais impresso.

Como o próprio nome já diz, o artigo de opinião serve como meio do autor expressar sua opinião em relação a determinado assunto. Por ser de caráter sério, o autor, em geral, é especialista daquela área sobre a qual está expressando a sua opinião, caracterizado também por “ser alguém de fora da instituição, muitas vezes na posição de colaborador do jornal, que ocupa papel de destaque na sociedade” (RODRIGUES, 2000, p. 2159)

Através de problemas sociais (fome, pobreza, violência, educação) ou temas polêmicos da atualidade (política), que estão circulando nos meios de comunicação, o autor apresenta um ponto de vista sobre determinado assunto, argumentando, sustentando uma ideia com a finalidade de persuadir, convencer o leitor, ouvinte ou telespectador de que os seus argumentos são verdades.

Para isso, o autor justifica sua opinião através de fatos, comparações, depoimentos, exemplificações, dados estáticos, entre outros, que dão sustentação à sua argumentação. Para isto, o autor estuda, pesquisa sobre o assunto, deve ter conhecimento de todas as informações sobre a temática, para formar sua opinião.

Também é pertinente salientar que, ao discorrer sobre o assunto, é como se o autor falasse por um grupo de pessoas que concorda com a sua opinião e questionasse um grupo de pessoas que discordam dela. O autor faz isso em tom de persuasão, às vezes, com ironia, na intenção de convencer seus interlocutores.

4.2 Proposta de uma sequência didática a partir do gênero textual artigo de opinião

Para cada situação, usamos um gênero textual, por isso o aluno deve conhecer a estrutura e as características presentes em cada gênero. No entanto, é sabido que o aluno, ao longo da sua vida escolar, não terá conhecimento de todos, mas ao menos daqueles que poderão ser utilizados por ele no trabalho, na família, com amigos, enfim, aqueles que preparem-no para os desafios que virão.

Nesse sentido, Schneuwly & Dolz (2004) elaboraram uma estrutura base de uma sequência didática, a fim de sistematizar o ensino dos gêneros, da seguinte maneira: apresentação da situação, primeira produção, módulos e produção final; tomaremos como subsídio para o desenvolvimento deste tópico, lembrando que a nossa sugestão de gênero é o artigo de opinião.

Na apresentação da situação, o objetivo seria conquistar o aluno para a realização do trabalho com o artigo de opinião, que não é tarefa difícil, pois o tema trabalhado nesse gênero é um assunto que está em evidência e que, geralmente, é do interesse. Ao expor o gênero, é importante que o aluno entre em contato com ele através da leitura ou da escuta. É interessante que, no início da sequência didática, seja trabalhado algo que chame a atenção do aluno, atraindo-o, despertando nele interesse. Discutir com a turma as características presentes no gênero, como: o público alvo, de que forma pode ser produzido, quem são seus autores, os elementos gramaticais e de coesão e qual a sua finalidade. Feito isso, o aluno vai se preparar para a produção, pesquisando sobre o assunto para poder formar sua opinião e ter argumentos que possam convencer o leitor.

Na primeira produção, poderá ser observado e diagnosticado o conhecimento do alunado para o desenvolvimento do gênero. A partir daí, o professor terá como planejar o desenvolvimento da sequência didática, tendo em vista as capacidades dos alunos, pois o professor avaliará quais as dificuldades da turma e buscará as soluções.

Nos módulos, serão apresentadas as atividades de intervenção, a partir das quais o aluno deve aprender os elementos contidos no gênero em estudo. Para tanto, é interessante a diversidade de atividades e exercícios, pois, assim, o professor poderá sanar toda e qualquer dúvida que ainda exista, como defendem Schneuwly & Dolz (2004, p. 105):

Em cada módulo, é muito importante propor atividades as mais diversificadas possíveis, dando, assim, a cada aluno a possibilidade de ter acesso, por diferentes vias, às nações e aos instrumentos, aumentando, desse modo, suas chances de sucesso.

Chegamos então à produção final, na qual o aluno colocará em prática todos os conhecimentos aprendidos durante os módulos e possibilitará ao professor avaliar seu desempenho em relação às capacidade desenvolvidas. Respeitando o nível da turma, que pode ser definido pelo ano, e nível de letramento, ou pelo desenvolvimento individual de cada um. Durante a correção a questão, ortográfica deve ser olhada de maneira especial, pois o objetivo da sequência é a produção textual (Schneuwly & Dolz, 2004).

Uma sequência didática tem por finalidade ajudar o aluno a dominar o uso do gênero, desenvolvendo a sua competência comunicativa, uma vez que o aluno precisa ter noção de como, e em qual momento, em qual situação poderá utilizar determinado gênero, para isso ele deve ser colocado em contato com situações, nas quais possa ser desenvolvido o uso desse modelo comunicativo.

Não é necessário que as sequências propostas sejam seguidas inflexivelmente, elas devem ser adaptados a cada turma de acordo com o nível e a capacidade do alunado (Schneuwly & Dolz, 2004).

Por fim, o professor deve ter cuidado para que as aulas não se tornem apenas mais uma aula de redação, não se esquecendo de despertar no aluno o senso crítico e, dependendo do assunto presente no artigo, ele também pode ser utilizado em outras disciplinas. Outra consequência interessante é que o aluno ainda poderá se sentir incentivado à leitura de jornais, revistas e a analisar os textos discorridos em qualquer veículo de comunicação. E, assim, despertado o senso crítico dos estudantes, eles poderão perceber o poder da imprensa como formadora de opinião na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho evidencia os gêneros em seus aspectos constitutivos e a sua utilização como instrumento para o ensino de Língua Portuguesa. De acordo com os PCN, é primordial o uso dos mesmos, pois com eles o alunado entra em contato direto com o uso efetivo da linguagem, desenvolvendo suas capacidades de interpretar e produzir textos, já que a sociedade exige essa efetividade comunicativa.

Os gêneros jornalísticos são uma fonte de possibilidades para as aulas de Língua Portuguesa, devido a sua variedade e relação com a atualidade, possui potencial diversificado para as atividades a serem desenvolvidas em sala de aula. A proposta com o artigo de opinião tem por finalidade tornar os alunos cidadãos críticos, capazes de desenvolver sua opinião, de defendê-la com argumentos sólidos.

A organização de uma sequência didática é importante, pois através dela o professor pode planejar etapas do trabalho com os alunos, de forma gradativa, explorando os diversos exemplares do gênero, estudando as suas características próprias, investigando as dificuldades dos alunos para saná-las e, assim, os alunos serão habilitados a produzir textos com sucesso.

Todavia, sabemos de todas as dificuldades enfrentadas pelos professores em sala de

aula, sabemos também do descaso do poder público em relação à educação, da dificuldade dos alunos em aprender, em buscar o conhecimento. No entanto, temos primeiramente que analisar as nossas metodologias, reinventá-las para um ensino eficaz, em que os nossos alunos não leiam um texto sem compreender o que estão lendo, para que eles entendam, produzam e se tornem cidadãos críticos e participativos.

ABSTRACT

With the publication of the Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) in the 90's, the text genres have become a subject of debate in the educational and, since then, began to be regarded as tools of the teaching of Portuguese. Given this context, the teachers started to inquire about the nature and application of this new concept and to take account some of these questions, this article presents a discussion about the textual genres, based on studies by Bakhtin (1997), Marcuschi (2007, 2008), Bazerman (2005), among others. Emphasizing their relationship to human activities, distinguishing Textual genres and types, we also analyzed the considerations of the PCNs in relation to the Portuguese Language Teaching. We also present a reflection on the work with journalistic genres, specifically the opinion article, which was chosen because of concern about the difficulties faced by students in elementary and secondary education, to interpret and produce texts. In view of this concern, we investigate the importance of inclusion in the classroom, the textual genres, suggesting their use to improve the teaching of Portuguese. Finally, we present in this research, proposals for working with textual genres, among them, with the opinion article, instigate and develop, in addition to reading and writing, critical participation of the students.

Keywords: Text genres. Portuguese language. Opinion article. Object of teaching.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Michael. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.

BRANDÃO, Helena Nagamine (Coord.). *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. v. 5. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção aprender e ensinar com textos)

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais – Ensino fundamental – Língua Portuguesa*. Brasília: SEF/MEC, 1997.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais – Ensino fundamental – Língua Portuguesa*. Brasília: SEF/MEC, 1998.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais – Ensino fundamental – Língua Portuguesa*. Brasília: SEF/MEC, 1999.

MARCUSCHI, Luis Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In.: DIONÍSIO, Angela Paiva et al. *Gêneros textuais e ensino*. 5 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-36, (2007).

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In.: KARWOSKY, Acir Mário et al. *Gêneros textuais reflexões e ensino*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 15-28.

_____. *A questão do suporte dos gêneros textuais*. 2003. Disponível em: http://www.sme.pmmc.com.br/arquivos/matrizes/matrizes_portugues/anexos/texto-15.pdf. acesso em 27/04/2011.

MOTTA-ROTH, Désirée. 2006. O ensino de produção textual com base em atividades sociais e gêneros textuais. *Linguagem em (Dis)curso*, 6/Especial: 495-517 Disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0603/07.htm>. acesso em 17/06/2011.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. O artigo jornalístico e o ensino da produção escrita. IN.: ROJO, Roxane (org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN's*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2000.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J.. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.